

## EDITORIAL

*Dossiê Especial*

*GT Fenomenologia/ANPOF*

Prof. Dr. Claudinei Aparecido Freitas Silva

E-mail: cafsilva@uol.com.br

Prof. Dr. Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

E-mail: kahlmeyermertens@gmail.com

Editores

Nesse segundo número, a *Aoristo – International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, inicia a sua edição com um Dossiê Especial: trata-se do lançamento de textos dos membros integrantes do GT/Fenomenologia da ANPOF. Tais escritos, nesse primeiro momento aqui reunidos, resultam dos trabalhos apresentados por ocasião do V Encontro do GT de Fenomenologia da ANPOF, bem como do II Encontro Nacional de Fenomenologia e da X Jornada de Metafísica e Conhecimento promovidos pelo Programa de Pós-Graduação (*Stricto Sensu*) em Filosofia da UNIOESTE,

*Campus Toledo*, transcorridos nos dias 06 e 07 de julho de 2017. Tais eventos, uma vez conjugados, atestam, inequivocamente, não só a consolidação desse Grupo de Trabalho que agrega professores e pesquisadores das mais diversas instituições nacionais e internacionais, mas perspectivam um novo momento, em especial, para a pesquisa em fenomenologia na UNIOESTE.

Iniciada nos idos de 1990, as pesquisas em fenomenologia nessa instituição de pesquisa e ensino vem atualmente dando mostras de pleno vigor e saúde. Mostra disso é que, no

corrente ano, cerca de 20% das pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIOESTE envolvem, de modo direto ou não, a temática da fenomenologia. Esse protagonismo frente às demais áreas de estudos da instituição faz com que acorram dos municípios vizinhos pesquisadores interessados em desenvolver temas afetos a este modo de pensar que, contemporaneamente, constitui uma sólida tradição no pensamento filosófico.

Os estudos de fenomenologia na UNIOESTE, Campus Toledo, chegaram em 2017 plenamente consolidados e, justamente por isso, o grupo sustentador dessas pesquisas pode atrair o V Encontro do GT de Fenomenologia da ANPOF (além dos outros concomitantes), o que resultou na presente edição de trabalhos proferidos naquela circunstância.

Assim, num rápido registro, várias outras publicações têm encampado esse projeto. A primeira, no formato de livros como as coletâneas editadas pela Booklink, *Fenomenologia: influxos e dissidências* (2011), *Temas em fenomenologia* (2012) e *Origens e caminhos da fenomenologia* (2014), bem como a edição eletrônica referente ao XVI Encontro da ANPOF, *Fenomenologia, Religião e Psicanálise* (2015) organizadas pelo professor Carlos Diógenes Côrtes

Tourinho (UFF). A segunda, no formato de periódico como a *Revista Filosofia Moderna e Contemporânea da UNB*, que editou, em 2015, o Dossiê Fenomenologia resultante do Encontro realizado na UFMG do GT/Fenomenologia ANPOF, sob a organização do professor Marcos Aurélio Fernandes.

Para que o leitor aviste melhor esse primeiro saldo qualitativo do evento em Toledo, o *Dossiê* é composto por 11 artigos. O texto de abertura intitula-se (*As duas faces da crítica de Husserl ao naturalismo: dos problemas de fundamentação teórica aos perigos para a cultura*). Nele, **Carlos Diógenes C. Tourinho** aborda a crítica de Husserl à doutrina do naturalismo sob dois aspectos recíprocos: inicialmente, o contrassenso teórico inerente ao projeto de fundamentação das ciências na concepção naturalista, reduzindo o mundo a uma realidade de fatos naturais; em segundo, os perigos que esta tendência representa para a cultura e, em especial, para a formação da mentalidade do homem europeu. O segundo artigo (em versão bilingue), (*Um estudo sobre os universais em Ideias I*), **Nathalie Barbosa de La Cadena** retoma o interesse de Husserl pela questão dos universais. Isso se dá, particularmente, em *Ideias I*, onde o filósofo distingue os universais

particulares, o 'X' noemático, o idêntico, e universais *stricto sensu*, nomes universais atemporais. Isto posto, a autora refaz, na primeira seção, o percurso até os universais destacando o paralelismo entre *noese* e *noema*. Na segunda seção, é referenciada no âmbito da filosofia da linguagem a correspondência noético-noemática. Na terceira e última seção, é evidenciado como tal estado de questão move-se apenas na esfera noemática, para então concluir pela possibilidade de partindo do 'X' noemático alcançar o universal em sentido estrito. **Sávio Passafaro Peres** escreve o terceiro artigo, (*Psicologismo e psicologia em Edmund Husserl*), em que examina a crítica ao psicologismo de Edmund Husserl para avaliar sua posição no que diz respeito à psicologia empírica. O autor mostra, em primeiro lugar, que Husserl, em *Investigações lógicas*, tem como alvo o psicologismo lógico e uma determinada forma de psicologismo epistemológico. Em segundo lugar, ele avalia que a fundamentação epistemológica da lógica pura, como ciência teórica, implica em uma teoria da subjetividade. Um dos objetivos de Husserl em *Investigações lógicas* é empregar a fenomenologia, entendida como forma peculiar de psicologia descritiva, para elaborar uma nova teoria da subjetividade, por meio de uma análise descritiva das vivências envolvidas na obtenção do

conhecimento teórico. Por fim, ele discute o lugar que a psicologia empírica passa a ocupar depois da crítica ao psicologismo em *Investigações lógicas*. No quarto artigo, (*Subjetividade e afetividade: o entrelaçamento de intelecto e sentimento na ética de Edmund Husserl*), **Marcelo Fabri** traz à baila o papel do sentimento na ética fenomenológica a partir da confrontação entre moralistas do intelecto e os moralistas do sentimento, na obra *Introdução à Ética* (1920-1924) de Husserl. Fabri nota que, a despeito da crítica husserliana ao naturalismo e o empirismo, há uma forte influência dos trabalhos de Hume. A possibilidade de uma ética fenomenológica reconhece, na esfera da moralidade, que os sentimentos se entrelaçam necessariamente com a esfera intelectual, abrindo o problema de uma discussão sobre o imperativo categórico que possa acolher tal entrelaçamento. O quinto artigo, (*Linguagem e temporalidade na estruturação do Lebenswelt: uma proposta de investigação*), **Hélio Salles Gentil** expõe um panorama de investigação das estruturas do *Lebenswelt*, em particular de suas dimensões temporal e linguística tendo como pano de fundo a *Krisis* de Husserl e as relações essenciais estabelecidas por Ricœur entre a experiência humana do tempo e as narrativas em sua obra *Temps et Récit*.

Salles Gentil enfatiza-se, portanto, a interpretação das narrativas de ficção como via de acesso privilegiada à compreensão dessas relações e de seus modos de participação na estruturação de um mundo, via a hermenêutica ricœuriana. No sexto artigo, (*Intuição categorial e evidência, verdade e ser*) **Marcos Aurélio Fernandes** descreve os fenômenos da intuição categorial, evidência, verdade e ser, via a interpretação de textos de Husserl e Heidegger. Essa abordagem se dá por meio de quatro registros: i) a descrição da intuição como percepção, isto é, como experiência da evidência da presença do ente mesmo como autodatidade originária; ii) ordenamento entre a evidência e sua correlação com a verdade e o ser; iii) a crítica da doutrina tradicional da verdade e a posição fenomenológico ou hermenêutica da verdade como *aletheia* e, por fim, iv) o sentido último da evidência do ser e para o relacionamento humano em face dessa. No sétimo artigo, (*Amor e conhecimento na fenomenologia de Max Scheler*), **Daniel Rodrigues Ramos** acentua a mútua pertinência entre amor e conhecimento, desde o horizonte da fenomenologia material de Max Scheler (1874-1928). Para tanto, essa leitura tem como uma das abordagens mais emblemáticas a obra *Liebe und Erkenntnis* de 1915, do

fenomenólogo alemão. Mas é, em 1923, em *Wesen und Formen der Sympathie*, que Scheler descreve o fenômeno do amor como sendo, em seus traços fundamentais, isto é, um modo particular e afetivo de conhecimento. No oitavo artigo, (*A noção de ego na obra de Sartre*), **Simeao Donizeti Sass** circunscreve três trabalhos sartrianos, *La Transcendance de l'ego* (1936), *L'Être et le néant* (1943) e *Cahiers pour une morale* (1983). Sass retrata que esse percurso corresponde, ao mesmo tempo, a evolução e a manutenção de algumas teses enunciadas na primeira obra. Nesse sentido, ele identifica alguns dos objetivos da filosofia sartriana, tanto na moral quanto na política, revelando o papel central do Ego nessa discussão, e, por fim, diagnostica as consequências morais de uma nova concepção da consciência, do ego e da reflexão edificadas por Sartre ao longo de sua trajetória. O nono artigo intitula-se, (*Afetividade e pessoa na fenomenologia de Dietrich Von Hildebrand*). Nele, os coautores **Tommy Akira Goto e Marília Zampieri da Silva** circunscrevem, via a obra de Dietrich von Hildebrand (1889-1977), uma "fenomenologia da afetividade". Hildebrand compreende que é somente por meio do método fenomenológico que se torna possível alcançar genuinamente o

conhecimento *a priori* das essências dos fenômenos e assim, chegar à verdade e a profundidade do fenômeno. Trata-se de uma compreensão que se radica na experiência humana, uma vez que, para conhecer a sua essência é imprescindível descrever os fenômenos da vida consciente. Ora, a pessoa humana é um ser espiritual que possui três estruturas intencionais: o entendimento, a vontade e a afetividade. Ora, é essa estrutura tríplice que corresponde à estrutura ontológica última do humano composto, pois, “centros operativos” de vivências. **Ericson Savio Falabretti** é quem assina o décimo artigo, (*Engajamento e falatório: das redes sociais à filosofia*). O que Falabretti põe em jogo são duas perspectivas sobre política e engajamento. Para descrever a primeira forma de engajamento, muito comum nas redes sociais, ele faz uso do termo heideggeriano falatório. Esse tipo de engajamento se caracteriza pela reprodução do mesmo e pela negação da diferença. Já a segunda noção de engajamento, pensada a partir das obras de Sartre e Merleau-Ponty, em clara oposição ao falatório, remete a um exame de três características fundamentais do engajamento intelectual: práxis, compromisso, responsabilidade. **Adriano Furtado Holanda e Jennifer da Silva Moreira**

fecham o *Dossiê* com décimo primeiro artigo intitulado (*Fenomenologia, organismo e vida: uma introdução à obra de Kurt Goldstein*). Os autores chamam a atenção para o fato de Kurt Goldstein ser, ainda, uma fonte esquecida, especialmente, no Brasil em virtude, sobretudo, da ausência de traduções das suas obras. No entanto, sua influência está presente em diversas áreas do conhecimento, como a Neurologia, Neuropsicologia, Psicologia e Filosofia. Em face disso é que o artigo visa apresentar uma introdução à obra do neurocientista alemão, subsidiando a partir de escritos como *The Organism: A holistic approach to biology derived from pathological data in man* e *Human Nature in the light of psychopathology*. A partir da análise dessas obras foram selecionados três grandes temas a serem explorados que projetam, sem dúvida, uma orientação convergentemente fenomenológica: a questão do método, a teoria do organismo e a noção de natureza humana.

A segunda seção de nosso número se inicia com o artigo do professor italiano **Franco Riva**. Sob o título de (*1927. Marcel, Heidegger e gli equivoci storiografici*), o autor passa a limpo a filosofia de Heidegger e a de Marcel, mostrando o quanto o pensamento da existência e do ser, nos dois mencionados pensadores, dá vez a problemas de interpretação que

repercutem na história. Em pauta, está a relação de proximidade e distância entre os dois filósofos e o quanto Heidegger, ao contrário do que se poderia pensar, não é um pensador do “mistério”.

O também italiano **Paolo Scolari**, professor na Universidade Católica de Milão, contribui com o artigo (*Vita e storia. Nietzsche in Essere e tempo*). Nesse escrito, vemos explorada a relação de Heidegger e Nietzsche no âmbito da ontologia fundamental. Com este, é possível entrever o quanto Heidegger, herdeiro da fenomenologia de Husserl, não é menos beneficiário do legado da filosofia da vida e do quanto tanto Dilthey quanto Nietzsche têm a contribuir para um pensamento que se faz sob o ponto de vista da vida. Nesse cenário, a relação entre vida e história se avulta, indicando o quanto esses dois conceitos testemunham o refinamento da filosofia de Heidegger ao tratar tal ligação.

Vale lembrar que os dois artigos supra referidos são publicados levando em conta o espírito de oportunidade de celebrar a data dos 90 anos de edição da obra *Ser e tempo*, de Heidegger (para qual o presente veículo dedicou seu número passado), e também os 90 anos do *Diário Metafísico*, de Marcel.

Um terceiro italiano que colabora é **Ramon Caiffa** ao sugerir o seguinte texto francês: (*L’infini derrière la haie*”: *L’homme comme exigence ontologique et humilité chez G. Marcel*). Neste, ele busca explicitar, em primeiro lugar, as motivações que temos para afirmar que a subjetividade requer um esforço para satisfazer a exigência ontológica que constitui o seu ser. Isso exigirá, em primeiro lugar, a explicitação de certas palavras como *exigência ontológica, recolhimento e humildade*. Para tanto, a fonte recorrente aqui é Gabriel Marcel, cuja obra será analisada seja em sua verve “sistemática”, seja teatral, pois é no caráter dramático da peça que uma experiência do absoluto pode, *in primis*, ocorrer e, depois, se alimentar.

**Yaqui Andrés Martínez Robles** é nosso próximo colaborador; ligado ao Instituto Humanista de Psicoterapia Gestalt (IHPG), o professor mexicano nos oferece: (*Implicaciones de uma prática Fenomenológico-Existencial no mundo das terapias psicológicas*). Neste artigo, ele nos apresenta um pouco da perspectiva que a Escola Mexicana de Análise e Terapia Existencial tem da abordagem fenomenológico-existencial na prática clínica. Tal escrito nos dá boa ideia de como a fenomenologia e a filosofia existencial

incrementam as terapêuticas psicológicas.

Na sequência, **Magdalena Mendonça**, filiada à USP, nos traz: (*Existência, liberdade e possibilidade: considerações sobre a crítica ao determinismo em Sartre*). Com este trabalho, desenvolvido na proximidade de *O existencialismo é um humanismo* e de *O ser e o nada*, de Sartre, nossa autora pretende indicar que, em face do valor singular do humano, uma concepção ética da existência humana e um modo de agir no mundo, podem ser divisados na filosofia sartriana.

A terceira seção, de **Tradução**, dispõe, em versão portuguesa, o texto de um dos grandes estudiosos da fenomenologia francesa atual. Trata-se de **Emmanuel de Saint Aubert**, pesquisador do CNRS, École Normale Supérieure, Archives Husserl de Paris que, ao lado de Claude Lefort, é também organizador da obra póstuma de Merleau-Ponty. O artigo, escrito originalmente em francês, e traduzido especialmente para a *Aoristo* - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics é assinado com o título (*Introdução à noção de sustentação*). Nele, Saint Aubert discute a necessidade, o sentido e as questões antropológicas de uma nova noção de “sustentação”. Esta reflexão procede de um duplo contexto, clínico e filosófico, que interroga a base carnal

do desejo. A partir de uma fenomenologia em diálogo com a psicologia, a psicanálise e a filosofia da educação, a noção de sustentação aborda os fundamentos mesmos de nossa abertura ao mundo e ao outro.

A quarta seção contém três **Resenhas**. Na primeira, **Claudinei Aparecido de Freitas da Silva** examina a recente edição italiana de *Il mito della relazione: Martin Buber, Emmanuel Lévinas, Gabriel Marcel* (Roma: Castelvecchi, 2016, 221p). Trata-se, aqui, de uma coletânea crítica em que se discute o conceito de relação a partir do colóquio protagonizado, especialmente, pelos três pensadores em pauta nos anos 1960. Ademais, é analisada ainda a conotação mítica que o tema enseja na segunda parte do livro por Franco Riva, organizador da obra.

O segundo trabalho de nossa seção de resenhas é o de **Laura de Borba Moosburger** (USP). Trata-se de uma acurada resenha do livro *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*, de Jean Starobinski. Apoiada na tradução brasileira da obra, que veio a lume em 2016, a resenha nos oferece os contextos próprios a este ensaio assistemático que se ocupa de afetos, sentimentos e estados de ânimos que constituem temas caros às filosofias da existência. Tal exposição, no entanto, mais do que uma apresentação circunstanciada dos conteúdos da obra em apreço,

também traz, com sutileza, o acento crítico de sua autora.

Em sua resenha ao livro *Rosmini y la ética fenomenológica*, de Jacob Buzanga, a mexicana **Marisol Ramírez Patiño** traz à baila os termos da fenomenologia voltada a pensar a ética. No trabalho de nossa articulista, temos uma exposição de algumas das principais teses metafísico-morais de Antônio Rosmini, tal como abordadas por J. Buzanga. Nesse esforço de caracterização, a resenhista delimita bem o quanto a temática de uma ética fenomenológica não deixa de ter Husserl como interlocutor privilegiado, além de permitir que reconheçamos pensadores como Brentano, Scheler e Von Hildebrand como figuras destacadas nesse cenário de ideias.

A edição fecha com uma homenagem, (*O elogio à historicidade*),

dedicada à professora Creusa Capalbo falecida em 18 de junho último, no Rio de Janeiro. Nesse breve registro, *In Memoriam*, **Claudinei Aparecido de Freitas da Silva** retrata a importância da intelectual como figura difusora no cenário fenomenológico do país, chamando a atenção para um dos conceitos-chave mais recorrentes de sua produção: a noção de historicidade.

O número que ora se oferece ao público interessado em fenomenologia, hermenêutica e filosofias da existência, nutre a modesta pretensão de incrementar os estudos dessas matérias, emulando, inclusive, o saudável intercâmbio entre os centros de pesquisa e pesquisadores (nacionais e internacionais) que se aplicam seriamente aos estudos de fenomenologia.